

BROSETA

# PERGUNTA



**JAIME NOGUEIRA PINTO**

Político, Escritor e Professor Universitário



**BROSETA**

BROSETA - PORTUGAL,  
SOCIEDADE DE ADVOGADOS, SP, RL

## **Tendo em conta a atual situação geopolítica na Europa e o grave conflito militar presentemente em curso na Ucrânia, devido à invasão russa, quais os desafios mais emergentes que a União Europeia enfrenta a curto/médio prazo?**

O desafio mais urgente da Europa é pensar e decidir em termos realistas como conseguir, a curto prazo, a paz na Europa Oriental. Estamos conscientes de que a Rússia é o agressor e que, devido a essa agressão e invasão, dezenas de milhares de europeus - ucranianos e russos - já morreram em combate e muitos mais ficaram feridos, e que há milhões de deslocados e refugiados e prejuízos materiais incalculáveis.

Mas também é um facto que, observando realisticamente a situação que precedeu a invasão, e conhecendo a Rússia e o Presidente da Federação Russa, não foi muito surpreendente esta reacção. Os governantes têm que ser prudentes e realistas, e não se deixar permanentemente condicionar por factores sentimentais e raciocínios maniqueístas: a Europa está a ser muito prejudicada pela guerra, quer do ponto de vista económico, quer político, e à medida que o tempo passa cresce o número, sobretudo nos países ocidentais dos dissidentes em relação às posições da linha geral da Comissão Europeia, o mesmo acontecendo nos Estados Unidos.

## **Refletindo especificamente sobre a atual invasão da Rússia ao território ucraniano, e tendo em conta a história do século XX europeu, é caso para dizer que, de facto, a História repete-se ciclicamente?**

A História, ao contrário da previsão optimista de Fukuyama e outros, não acabou e, pelo contrário, tornou-se mais perigosa. E tanto mais perigosa, quando o discurso oficial - por exemplo, das grandes organizações multilaterais - e os próprios regulamentos se afastam, cada vez mais dessa realidade. Realidade da natureza humana, realidade dos interesses dos Estados, realidade do conflito e da necessidade de o prever e evitar, não com proclamações maniqueístas e lamentativas, mas atendendo à força das coisas.

O mundo de hoje é o mundo de sempre, com a diferença que a tecnologia, que é uma espécie de Janus - o deus mitológico das duas faces - se nos melhorou e facilitou a vida, também nos pode levar à margem da destruição total.

**Em relação a Portugal em particular e à situação atual do país: tendo em conta o atual cenário geopolítico na Europa e no Mundo - e recordando que a questão do novo coronavírus ainda não está totalmente resolvida -, na sua opinião, quais deveriam ser as grandes prioridades do governo para o país? Quais as linhas orientadoras que deveriam definir o caminho que Portugal vai trilhar nos próximos anos?**

Portugal vai fazer 50 anos, entrou na normalidade pós-imperial; talvez devido ao longo período do autoritarismo conservador do Estado Novo, vivemos um ainda mais longo período de democratismo, marcado pelas ideologias "progressistas", algumas hoje obsoletas e estapafúrdias. O mais grave é que essas ideologias e os seus mentores dominam a "fábrica das mentalidades" - desde a Educação pública, até às áreas das chamadas Ciências Humanas.

Os governantes deveriam pensar nas vantagens e nos inconvenientes do país: a primeira grande vantagem é sermos uma nação muito antiga e, por enquanto, sem grandes problemas ou riscos de fragmentação identitária - seja regional, seja rácica, seja religiosa. Isto, num tempo e num Continente em que - superadas as divisões de classe - os conflitos internos são os da identidade, é um grande trunfo. Reforçar a identidade nacional - e não ameaçá-la com o regresso a projectos regionalistas -, restaurar as relações com os espaços lusófonos, e trabalhar, sem preconceitos ideológicos, com patriotismo e realismo, num projecto de Europa das Nações. Isto quer dizer uma Europa, em que, guardando a independência e a identidade nacionais, colaboremos com os nossos parceiros para criar as condições da Paz no nosso continente e para defender e promover a vida, entre as velhas e as novas gerações, não acelerando as possibilidades da morte legal para uns e de evitar a vida para outros.

